

Implicações da Investigação na Sobrelotação Prisional

PAUL B. PAULUS (*)

O tópico da sobrelotação tem preocupado diversos cientistas sociais e tem-se vindo a acumular uma literatura significativa nos últimos 20 anos (Baum & Paulus, 1987).

A investigação tem abordado uma vasta gama de questões. Alguns estudos preocuparam-se inicialmente com os efeitos da vida ou do trabalho em condições de sobrelotação. Outros detiveram-se nos mecanismos teóricos relacionados com os efeitos da sobrelotação. Têm sido realizados estudos tanto com indivíduos como com animais e a investigação com indivíduos tem consistido em trabalho documental, de laboratório e de campo. Os estudos de campo têm examinado indivíduos em diversas situações tais como dormitórios em colégios, residências sobrelotadas, navios, pátios de recreio em escolas e prisões.

Neste artigo procederei a uma breve revisão da investigação na área da sobrelotação. Em seguida fornecerei uma análise mais detalhada da investigação sobre lotação levada a cabo pelos meus colegas Verne Cox e Garvin McCain em prisões e as suas implicações teóricas e práticas. De modo a salvaguardar a brevidade, limitaremos as citações da literatura e não se procederá a descrições pormenorizadas de investigação. Para informação mais detalhada o leitor pode consultar diversas revisões recentes (p. ex., Baum & Paulus, 1987; Paulus, 1988).

Existe uma diversidade de perspectivas no que toca a melhor definição do conceito de sobrelotação. Alguns teóricos têm centrado a sua atenção preferencialmente no estudo da densidade física, e distinguem geralmente, na maior parte das vezes, os diferentes tipos de densidade. A quantidade de espaço disponível por pessoa num determinado ambiente pode ser definido como densidade espacial, enquanto o número de residentes partilhando o mesmo espaço ou unidade de alojamento pode ser definido como densidade social. A densidade dentro de um determinado ambiente é muitas vezes designada por densidade interna, enquanto que a densidade fora é designada por densidade externa. Quando a densidade está associada a efeitos deletérios ou negativos, considera-se a situação como de sobrelotação. Alguns investigadores têm insistido que o termo sobrelotação devia ser reservado para experiências subjectivas de espaço desadequado (Stokols, 1972). Não nos iremos preocupar com tais problemas de definição e vamos focar a nossa atenção nos efeitos observados das variações objectivas na densidade.

INVESTIGAÇÃO SOBRE SOBRELOTAÇÃO

Um dos principais estímulos para o aumento progressivo de investigação sobre sobrelotação deve-se aos estudos de Calhoun (1962) sobre os efeitos da sobrelotação nos ratos. Quando estes animais eram forçados a viver em condições de

(*) Departamento de Psicologia, Universidade do Texas em Arlington.

acentuada sobrelotação, verificaram-se perturbações significativas nos padrões de comportamento sexual e maternal. Os cuidados maternos em relação aos mais pequenos diminuíram e verificou-se um elevado grau de mortalidade infantil. Outros estudos com animais verificaram igualmente efeitos negativos relacionados com a sobrelotação (ver Cox, Paulus, McCain e Karlovac, 1982).

Estudos correlacionais e documentais têm tentado determinar se viver em áreas urbanas ou em países sobrelotados têm do mesmo modo efeitos negativos. Por exemplo, Galle, Gove & McPherson (1972) verificaram que viver em cidades com um elevado índice populacional estava associado ao aumento de mortalidade, admissões em hospitais psiquiátricos e delinquência juvenil. Um estudo na Holanda verificou um aumento dos níveis de mortalidade e de doenças de coração nas áreas sobrelotadas do país (Levy & Herzog, 1974).

Embora a investigação com animais e os estudos documentais tenham produzido resultados estimulantes, surgiu alguma crítica. Algumas pessoas puseram em questão a relevância da investigação animal para a compreensão das reacções humanas à sobrelotação. As capacidades cognitivas do ser humano permitem-lhe recorrer a uma série de meios para enfrentar a sobrelotação, ao que os animais não têm acesso. Nem todos os estudos documentais confirmaram os efeitos da sobrelotação, além de que os resultados permitem numerosas interpretações alternativas. Por exemplo, as pessoas que escolheram viver em condições de sobrelotação podem diferir, de um modo importante daquelas que vivem em situação não sobrelotada. De igual modo existem factores relacionados com as áreas sobrelotadas como seja o ruído e a poluição os quais podem contribuir para alguns dos efeitos relacionados com a saúde. As preocupações atrás citadas levaram os investigadores a dedicarem-se a estudos de laboratório de modo a obter um quadro mais rigoroso dos efeitos da sobrelotação.

Os estudos laboratoriais são desejáveis para o estudo da sobrelotação dado o controlo que eles permitem sobre a submissão das populações às condições e outros factores ambientais. No entanto estes estudos são, necessariamente, a

curto prazo e não parece produzirem efeitos extremos sobre a saúde e o comportamento. Deste modo a maior parte destes estudos centram-se nos efeitos da sobrelotação nos sentimentos e nas tarefas. Embora tivesse existido alguma investigação inicial em sentido contrário, parece que as várias componentes de sobrelotação em condições laboratoriais (espaço, distância social e número de pessoas num grupo) afectam negativamente o desempenho em tarefas complexas (Paulus & Mathews, 1980). O aumento de densidade social é também geralmente relacionado com reacções emotivas negativas. É interessante notar que, no que toca a densidade espacial, os sentimentos expressos parecem estar relacionados com a composição sexual do grupo. Sob condições de elevada densidade espacial, os grupos femininos tendem a reagir de um modo positivo e com aumento de sociabilidade enquanto que os grupos masculinos reagem negativamente e com retração (cf. Paulus, 1980). Devido às limitações óbvias da investigação laboratorial no que toca os efeitos reais das situações de sobrelotação, muita da investigação debruçou-se sobre os efeitos da vida em condições de sobrelotação em ambientes do tipo de dormitórios de colégio, residências universitárias e navios.

A investigação de campo confirmou de um modo geral as pistas fornecidas pela investigação documental e de laboratório. Parece que a densidade sob determinadas condições é totalmente adversa e pode gerar uma diversidade de reacções psicológicas, sociais e de saúde. Por exemplo, a investigação sobre a sobrelotação em casas de habitação provou que as condições de vida em sobrelotação estão associadas a indicadores de saúde precária e um sentido de desprotecção (Rodin, 1976; Gove, Hughes & Galle, 1979). Um estudo em navios demonstrou existir forte relação com os problemas de saúde dos residentes em camaratas sobrelotadas (Dean, Pugh & Gunderson, 1978). Os estudos em dormitórios provaram que se se acrescentar uma pessoa a um quarto de duas pessoas isso pode conduzir a reacções psicológicas e de saúde negativas (Baron, Mandel, Adams & Griffen, 1976). A sobrelotação em áreas exteriores tais como corredores e átrios está igualmente relacionada com reacções negativas e retração social (Baum & Valins, 1977).

Embora Calhoun tenha encontrado evidência num aumento de agressão entre os roedores em condições de sobrelotação, tal evidência entre os seres humanos é pouco clara. Alguns estudos acerca de sobrelotação em pátios de recreio registaram um aumento de comportamento agressivo, enquanto outros obtiveram uma agressão reduzida (Loo, 1978). A agressão pode surgir somente quando os recursos são reduzidos (Robe & Patterson, 1974). Outros resultados indicam que os indivíduos podem reagir a ou enfrentar níveis moderados de sobrelotação de uma maneira agressiva, que sob níveis elevados de sobrelotação, podem retrair-se socialmente (Loo, 1978; Matthews, Paulus & Baron, 1979).

ESTUDOS TRANSCULTURAIS SOBRE SOBRELOTAÇÃO

Apesar da maior parte da investigação ter sido realizada nos E.U.A. existem alguns estudos feitos em outros países e alguns estudos transculturais que procuram comparar reacções.

Por exemplo, um estudo em laboratório sobre sobrelotação verificou que o rendimento dos estudantes na Índia é afectado de um modo semelhante ao que acontece nos E.U.A. (Nagar, Pendey & Paulus, no prelo). Os estudantes indianos em condições laboratoriais de sobrelotação e na realização de uma tarefa complexa, apresentaram crescentes efeitos negativos e um desempenho retraído. Investigações de campo realizadas em diversos países conduziram também a resultados semelhantes aos verificados pelos estudos dos E.U.A. (cf. Cox, Paulus et al., 1982). Por exemplo Levy & Herzog (1974) verificaram que uma vizinhança sobrelotada na Holanda estava relacionada com a mortalidade global e com doenças provocadas por ataques cardíacos no que toca os indivíduos de sexo masculino. Manton & Myers (1977) obtiveram resultados semelhantes num estudo de Hanover, Alemanha.

Estudos sobre saúde individual relacionada com sobrelotação familiar conduziram a resultados inconsistentes. Alguns estudos no Canadá e Índia sugerem que ambientes familiares sobrelotados estão relacionados com

crescentes problemas de saúde (Booth & Cowell, 1976; Jain, 1987) enquanto que estudos feitos em Hong Kong e Holanda não verificaram essa relação (Giel & Ormel, 1977; Levy & Herzog, 1974; Mitchell, 1971). Como é proposto por Levy & Herzog é possível que os efeitos da sobrelotação nos ambientes familiares dependam das diferenças culturais nas relações familiares.

Alguns estudos investigaram explicitamente a influência das diferentes culturas ou subculturas. Parece lógico que as diferenças nas normas culturais e no nível geral de densidade, conduza a tipos de resultados diferentes. É de esperar que as pessoas que vivem em países densamente povoados se adaptem às suas condições de vida em sobrelotação (cf. Gillis, Richard & Hagan, 1986). Alguns teóricos verificaram que os asiáticos são mais tolerantes às condições de densidade e de ruído do que os americanos (Anderson, 1970; Canter & Canter, 1971; Michelson, 1976) e são mais sociáveis do que os ocidentais (Chaudari, 1959; Porteus, 1977). Gills et al. (1986), verificaram que os estudantes asiáticos reagiram, do ponto de vista emocional, de um modo menos vincado do que os estudantes britânicos e do Sul da Europa, às condições de sobrelotação habitacional em Toronto. No entanto, Loo & Ong (1984) concluíram que os residentes chineses da sobrelotada Chinatown de San Francisco suportavam de um modo acentuadamente negativo a sobrelotação familiar.

Poderá concluir-se que os efeitos da sobrelotação em condições laboratoriais e de campo são idênticos numa vasta gama de países e culturas. Poderá igualmente concluir-se que os efeitos rigorosos da sobrelotação em diferentes contextos estarão dependentes dos valores culturais e das normas relacionadas com a interacção com as condições de sobrelotação. Nas culturas em que os cidadãos valorizam os níveis elevados de interacção social ou que desenvolveram normas para regular a interacção social, os efeitos da sobrelotação podem ser menos marcados do que nas culturas em que esses valores e normas são menos vinculados.

Os futuros estudos transculturais sobre densidade deveriam analisar de um modo mais rigoroso o papel do indivíduo e dos factores sociais que parecem influenciar os efeitos das condições de densidade elevada.

Uma das mais sobrelotadas condições de vida em muitos países encontra-se nas prisões. Estas instituições alojam muitas vezes enorme número de reclusos em camaratas muito exíguas. Nos E.U.A., a sobrelotação é considerada um problema sério e tem tido como consequência um largo número de questões em tribunal colocadas por reclusos que pedem uma melhoria de condições.

Aparentemente este problema surge de modo semelhante noutros países. Assim as prisões constituem uma oportunidade única para estudar os efeitos da sobrelotação.

Podemos examinar o impacto das mudanças na generalidade das populações prisionais, comparar as prisões de populações reduzidas com as prisões de vastas populações e examinar a vida dos reclusos em alojamentos que diferem em densidades espacial ou social.

A investigação em prisões tem as suas desvantagens.

Para além dos perigos que obviamente envolve, o controle sobre o tipo de reclusos que vive nos diferentes tipos de prisões e diferentes alojamentos, é muito reduzido.

Consequentemente as diferenças de características dos reclusos e não a sobrelotação podem ser responsáveis pelos efeitos observados. Do mesmo modo, as diferenças de prisão para prisão, o seu ambiente e gestão podem influenciar os resultados. Deste modo procuramos encontrar situações em que estes problemas estivessem minimizados. Por outro lado procuramos examinar a influência das possíveis variáveis ambíguas e controlá-las estatisticamente.

Embora não seja oportuno neste artigo detalhar todas estas questões, o leitor interessado pode encontrar esta informação no nosso trabalho citado. Não nos foi possível controlar completamente a influência das variáveis potencialmente ambíguas na maior parte dos nossos estudos individuais, mas a consistência dos nossos resultados através duma larga variedade de meios sugere que a densidade nas prisões pode desempenhar um papel importante na produção de efeitos relacionados com o *stress*.

A preocupação com a sobrelotação nas prisões centra-se no facto de o número de reclusos alojados nas instituições exceder a capacidade inicialmente concebida para tal.

É ponto assente que esta sobrelotação pode ter efeitos deletérios sobre a saúde e o comportamento do recluso.

Examinámos esta possibilidade mediante estatísticas relativas à saúde em sistemas prisionais que tinham sofrido alterações na população, mantendo, ao mesmo tempo, relativamente constantes as regalias.

Verificámos que à medida que os níveis de população aumentavam, se produziu um aumento nas baixas às instituições psiquiátricas, nas tentativas e nos suicídios, bem como nos problemas disciplinares e nos níveis de mortalidade (especialmente entre os reclusos mais velhos). Verificámos igualmente que os nossos resultados não sofriam a influência de variáveis tais como as características dos reclusos e a taxa de guardas por recluso. Da mesma forma quando comparámos instituições pequenas com instalações muito grandes albergando o mesmo género de reclusos) verificámos que nas instituições muito grandes as baixas à psiquiatria e os níveis de mortalidade eram superiores.

Interpretamos estes resultados como o reflexo dos efeitos do *stress* decorrentes do convívio com um vasto número de reclusos em instituições relativamente sobrelotadas. Mais especificamente, a sobrelotação das instituições interfere nas actividades recreativas, acentua a penúria dos recursos necessários, a ausência de privacidade e aumenta as oportunidades para encontros violentos ou ameaçadores.

OS EFEITOS DO ALOJAMENTO

Embora a investigação sobre a sobrelotação nas prisões conduza em geral a resultados provocativos, há que ser cauteloso nas interpretações baseadas na investigação documental.

Parte desta ambiguidade pode ser reduzida se analisarmos directamente a influência das condições de sobrelotação no alojamento. Nos

E.U.A. os prisioneiros vivem em unidades de alojamento — celas — que albergam de um a oito reclusos e dormitórios que alojam de 20 a 150 reclusos.

Estas unidades de alojamento podem variar igualmente no que toca a quantidade de espaço destinada a cada recluso, que, nos nossos estudos, ía de um mínimo de de 1.80 m² a mais de 18 m² por recluso.

Uma das coisas que mais nos interessava era determinar a influência relativa de espaço e número de indivíduos numa unidade de alojamento. Embora se possa pensar que o espaço reduzido está associado a um aumento de residentes por unidade de alojamento, a relação não é directa. Por exemplo, alguns dormitórios que albergam 20 ou mais reclusos podem dispôr de uma média de 5 ou 6 m² de espaço por pessoa, enquanto que as celas duplas apenas dispõem de 2.5 m² de espaço por recluso.

Em vários estudos onde foi possível diferenciar a influência da densidade social na densidade espacial verifica-se que o maior predictor das reacções ao alojamento, numa prisão federal e numa prisão de segurança mínima, é o número de residentes e não o espaço (Paulus, Cox, McCain & Chandler, 1975; Paulus & McCain, 1983). Contudo é provável que se o espaço atinge níveis muito baixos (p. ex., 1.80 m² ou menos) num alojamento de ocupação múltipla, isso vai contribuir para os efeitos analisados.

Em muitos dos nossos estudos comparámos a vida dos reclusos em diversos tipos de alojamento. Seleccionámos ao acaso, reclusos de cada um dos tipos de alojamento.

Os reclusos eram trazidos às salas de investigação em grupos de 15 e preenchiam um questionário. O questionário pedia que avaliassem o seu meio ambiente (grau de sobrelotação, ruído, decoração), o seu estado de espírito, o grau de controlo e de liberdade que consideravam ter sobre o ambiente prisional. Outras questões tinham a ver com a história dos reclusos na prisão (p. ex., a duração da pena) e antecedentes (p. ex., história familiar e criminal). Ao questionário eram adicionadas outras informações pessoais retiradas dos arquivos da prisão. Tinham-se escolhido duas avaliações fisiológicas para medir o potencial de

reacção ao alojamento sobrelotado. Quando os reclusos vinham à entrevista era-lhes medida a tensão arterial e eram registadas informações sobre a sua saúde e eventuais problemas de saúde, a partir das suas fichas clínicas. Em caso de problemas de saúde, era registado o diagnóstico do médico para cada problema que tivesse ocorrido nos últimos seis meses, período em que o recluso tivesse estado confinado ao mesmo tipo de alojamento.

Em algumas prisões analisámos residentes vivendo em celas com 5 m² que alojavam um ou dois reclusos. Os reclusos em celas duplas cotavam o seu alojamento mais negativamente e numa das prisões foi notória uma ligeira tendência para uma taxa de doença mais elevada. Numa outra prisão, os reclusos estavam alojados em celas individuais de 4.5 m² ou em celas de 16 m² com 3 ou 6 reclusos. À medida que o número de reclusos por cela aumentava, cresciam os sentimentos de sobrelotação e as taxas de doença.

Numa grande prisão estadual, os reclusos em celas de 3 ou 6 homens com 1.80 m² por pessoa sentiam-se mais em sobrelotação e apresentavam tensões arteriais mais elevadas do que aqueles que viviam em celas individuais com 5 m².

Um modo comum e económico de alojar reclusos é colocá-los em salas de grandes dimensões, chamadas dormitórios.

Comparámos a reacção dos reclusos nestes dormitórios com as dos que habitavam celas duplas ou individuais em três prisões federais. Os dormitórios alojavam entre 28 a 65 reclusos. As celas duplas e os dormitórios eram avaliadas, igualmente, de um modo mais negativo, do que as celas individuais, mas somente os dormitórios tinham taxas de doença elevadas (cerca de duas vezes mais elevadas do que os outros alojamentos). Deste modo embora os residentes tanto dos dormitórios como das celas duplas se sentissem relativamente sobrelotados, apenas a experiência do dormitório era suficientemente gravosa de modo a produzir reacções de saúde. Existem alguns problemas potenciais no que toca a interpretação dos dados citados, relativamente à sobrelotação. Os reclusos não são distribuídos ao acaso pelos alojamentos. Algumas vezes a distribuição é apenas condicionada ao espaço disponível, mas na maior parte dos casos, os reclusos transitam dos

dormitórios para as celas duplas e individuais de acordo com um critério de antiguidade e bom comportamento. Os nossos resultados poderiam, deste modo, reflectir em parte as diferenças das características dos reclusos. Tentámos, em todos os nossos estudos, evitar situações em que confusões deste tipo tornassem os nossos resultados potencialmente não-interpretáveis.

Nos casos em que existiam diferenças médias marcadas nas características dos reclusos, no que toca o alojamento (p. ex., tempo de alojamento ou história criminal), estas diferenças foram estatisticamente controladas. O facto de os resultados terem sido obtidos quando as diferenças dos reclusos eram controladas e usando de uma larga variedade de populações prisionais, dá-nos uma confiança acrescida de que de facto eles reflectem o impacto de diferentes tipos de alojamento. Estes factos são confirmados pelos estudos nos quais os mesmos reclusos eram estudados após terem transitado de um tipo de alojamento para outro, tendo estes estudos demonstrado igualmente os efeitos negativos do alojamento mais sobrelotado (p. ex., D'Atri, Fitzgerald, Kas & Osfeld, 1981).

Um outro problema reside na interpretação dos dados sobre doenças, enquanto reflexo do impacto do *stress* da sobrelotação na saúde. Embora confiemos nos diagnósticos dos médicos, a sua validade pode obviamente ser posta em causa. Contudo, numa análise de diversos tipos de queixas, verificou-se que uma categoria de queixas que incluíam, na sua maior parte, doenças facilmente diagnosticáveis (p. ex., problemas respiratórios e circulatórios) tinha os mesmos efeitos que as outras no índice de doença. Outra informação que corrobora esta, vem de estudos que realizaram medidas fisiológicas directas. Os reclusos nos dormitórios parecem apresentar uma tensão arterial e níveis de epinefrina ligeiramente mais elevados do que nas celas individuais e duplas (D'Atri & Ostfeld, 1975; Paulus, 1988).

Embora os dormitórios pareçam estar associados a diversas reacções negativas, alguns desses dormitórios foram modificados pela construção de divisórias ou cubículos para os reclusos. Em algumas prisões federais analisámos reclusos que viviam em cubículos de

4.5 m² com aqueles que viviam em células ou em dormitórios abertos. Os cubículos apresentavam avaliações semelhantes às das células e eram avaliadas mais favoravelmente do que os dormitórios.

Em dois de três estudos, os reclusos em cubículos tinham taxas de doença mais baixas do que os dos dormitórios.

Apesar dos cubículos não oferecerem tanta privacidade física como as células, o grau de privacidade e controlo territorial, fornecido pelos cubículos melhorava significativamente o impacto da vida em dormitórios.

INFLUÊNCIA DAS CARACTERÍSTICAS DO RECLUSO

Analisámos, até agora, os efeitos gerais das prisões sobrelotadas e do alojamento prisional. Embora os efeitos tenham sido analisados numa vasta gama de ambientes, verificou-se que existia uma variação considerável na resposta do recluso às condições de sobrelotação. Por conseguinte, procurámos determinar que características poderiam ser responsáveis por essa variabilidade. Poderá prever-se que diferenças básicas como sejam o sexo, a raça ou o grupo étnico, podem influenciar a reactividade à sobrelotação. No entanto, os nossos dados indicam que a reactividade à sobrelotação é bastante semelhante quer para o sexo masculino, quer para o sexo feminino, bem como para negros e brancos, americanos de origem mexicana ou mexicanos. Em termos gerais verificou-se uma diferença entre os mexicanos e os outros reclusos. Os mexicanos tinham de um modo geral crescido em ambientes familiares sobrelotados e reagiam de um modo mais positivo a todos os tipos de alojamento prisional. Possivelmente o facto de terem vivido em ambientes familiares pobres tornam os mexicanos mais tolerantes às privações decorrentes do alojamento prisional.

Outros dados adicionais confirmam a influência dos antecedentes pessoais. Os reclusos que viviam em lares mais sobrelotados ou em grandes cidades e que vêm de estratos económicos baixos, reagiram menos negativamente aos dormitórios do que os outros reclusos. Uma experiência anterior de

sobrelotação ou de condições de vida relativamente pouco atraentes permitem que os reclusos suportem melhor o alojamento na prisão. Os reclusos que foram encarcerados há relativamente muito tempo reagem também mais negativamente aos dormitórios do que os outros. Possivelmente estes reclusos tiveram experiências de alojamento menos sobrelotado durante o seu período de encarceramento e podem ser mais sensíveis do que os outros aos aspectos negativos dos dormitórios.

IMPLICAÇÕES TEÓRICAS

Existe uma vasta gama de perspectivas propostas para explicar o impacto da sobrelotação. Alguns argumentam que a sobrelotação induz um estado de sobre-estimulação. Isto acha-se associado à afectividade negativa, rendimento deficiente e retraimento social (Cohen, 1968). Outros consideram que a principal propriedade negativa da sobrelotação é a interferência na possibilidade que cada um teria de desenvolver as actividades que lhe agradam. Outros insistem na perda de controlo sobre as interacções nos ambientes sobrelotados (Baron & Rodin, 1978).

Os meus colegas Verne Cox, Garvin McCain e eu próprio, tentamos integrar estas várias perspectivas num modelo de interacção social (Cox, Paulus & McCain, 1984). A sobrelotação considera-se como tendo impacto nas interacções sociais que têm lugar num determinado meio ambiente. Em primeiro lugar, há muitas vezes um elemento de incerteza pelo facto de não ser possível predizer aquilo que vai acontecer nas interacções de um indivíduo com outros. Quanto maior o número e quanto mais recentes as pessoas, maior o elemento de incerteza. Privamente os altos níveis de incerteza elevam os níveis de medo ou ansiedade.

O segundo elemento importante das situações sobrelotadas é a interferência nos objectivos. As interacções estabelecidas nestes ambientes podem limitar a privacidade de cada um, o acesso aos recursos desejados e a capacidade para empreender com êxito uma diversidade de

actividades (p. ex., ler ou dormir). Os níveis de interferência na acção (objectivos) são considerados como relacionados com sentimentos de frustração. Uma terceira componente da sobrelotação é constituída pela carga cognitiva que o indivíduo tem de gerir dada a vasta gama de estímulos e interacções que caracterizam as condições de sobrelotação.

Elevadas e persistentes exigências cognitivas são entendidas como conduzindo a um certo grau de *stress* (strain) cognitivo e mental.

As três componentes da sobrelotação são consideradas como contribuindo para a variedade dos efeitos negativos analisados, quer se esteja a tratar do nível prisional ou do alojamento em particular. Para além disso, qualquer dos aspectos do meio ambiente que influencia o nível destes componentes poderá aumentar as reacções negativas. Por exemplo, mudar continuamente a composição de um grupo de reclusos numa unidade de alojamento poderia aumentar o nível de incerteza experimentado. O aumento de cubículos deverá reduzir o grau potencial de interferência na actividade e a carga cognitiva sentida nos dormitórios.

O modelo citado constituiu um instrumento integrativo útil e explica bem muitas das características dos nossos dados das prisões. Por exemplo, o facto de o número de pessoas, e não o espaço, constituir o principal factor das reacções à sobrelotação é consistente com o ênfase que colocamos nas características das interacções dos ambientes sobrelotados. O facto de o alojamento, que é avaliado de um modo semelhante, poder conduzir a reacções relacionadas com a saúde (celas duplas *versus* dormitórios) completamente diferentes, corrobora a nossa sugestão sobre a existência de um diferencial de impacto das diferentes componentes da sobrelotação. Uma análise pormenorizada das diversas conclusões sugere que a maior incerteza associada à vida em dormitórios, relativamente às celas duplas, pode ser responsável pelo aumento do nível de problemas de saúde existentes nos dormitórios. No entanto, o modelo não é mais do que *post-hoc*, e esperamos que os estudos que testem especificamente as suas diversas características possam aumentar a nossa confiança na sua fiabilidade.

IMPLICAÇÕES PRÁTICAS

Os resultados dos nossos estudos têm algumas implicações óbvias para o ordenamento e política das prisões. De um modo geral aparece como desejável limitar o nível da sobrelotação nas prisões e nos alojamentos das prisões.

Quando a população da prisão aumenta muito ou excede a capacidade institucional, podem surgir efeitos deletérios.

O alojamento em dormitórios parece estar associado a reacções particularmente negativas, mas a existência de cubículos pode diminuir muito desse impacto negativo. Embora as células duplas sejam avaliadas negativamente pelos reclusos, parece evidente que este tipo de alojamento não tem efeitos negativos na saúde. De um modo geral, parece evidente que o número de pessoas por unidade de alojamento mais do que a quantidade de espaço constitui o factor importante nas reacções à sobrelotação. Se o aumento de espaço ou a redução do número de reclusos não é uma opção viável, pelo menos a sensação de sobrelotação pode ser reduzida encontrando modos de reduzir a incerteza, a interferência na actividade e a carga cognitiva. A incerteza poderá ser diminuída reduzindo ao mínimo as transferências, alojando juntos os reclusos de algum modo semelhantes, ou regulando, tanto quanto possível, as actividades da prisão. A interferência na actividade pode ser reduzida aumentando os serviços da prisão e as regalias recreativas e construindo cubículos privados. A carga cognitiva pode ser limitada, limitando o número de reclusos permitidos em áreas particulares da prisão.

PROJECTOS FUTUROS

Embora tenhamos aprendido muito acerca da sobrelotação nas prisões os nossos conhecimentos estão ainda num nível francamente primitivo. Não sabemos em que pontos exactos do *continuum* stressante da

densidade espacial e social emergem as experiências de sobrelotação. Necessitamos igualmente de mais informação acerca da importância relativa dos diversos componentes da experiência de sobrelotação.

Muita da nossa centrou-se nas prisões federais que albergam reclusos não-violentos e que permitem que os reclusos passem a maior parte dos seus dias fora das suas unidades de alojamento. Possivelmente com graus mais elevados de confinamento ao alojamento e uma população mais violenta, os efeitos da sobrelotação podem ser mesmo mais severos do que aqueles que foram observados nas prisões federais.

Muito do estudo das características gerais da sobrelotação prisional limitou-se às análises dos dados documentais. As opiniões directas dos reclusos em prisões que difiram sobretudo no grau de sobrelotação, serão bastante úteis para avaliar a nossa interpretação dos dados documentais enquanto reflexo do papel do *stress* provocado pela sobrelotação. Serão também particularmente úteis os estudos sobre as alterações ou mudanças na sobrelotação institucional.

É necessário analisar os factores contextuais, tais como, o estilo de administração da prisão, as relações guarda-recluso, os programas de prisão e o tipo de população de reclusos. Alguns tipos de ambientes prisionais podem ser mais susceptíveis do que outro aos efeitos da sobrelotação. Finalmente, a maior parte da nossa investigação acerca da sobrelotação das prisões foi realizada nos E. U. A.. Estudos feitos noutros países fornecerão informações importantes acerca da potencial generalização transcultural desta investigação.

A investigação acerca da sobrelotação forneceu-nos informação útil quanto às prisões e quanto à sobrelotação em geral. Os dados da investigação têm-se revelado de um modo geral congruentes com os de outros estudos de campo e estimulado o desenvolvimento de uma maior compreensão teórica da sobrelotação. No entanto, permanecem várias falhas empíricas e teóricas. Uma das maiores necessidades é a realização de investigação transcultural, com maior elaboração teórica.

REFERÊNCIAS

- Anderson, E. N. (1970). Some Chinese methods of dealing with crowding. *Urban Anthropology, 1*, 140-150.
- Baron, R. M., Mandel, D. R., Adams, C. A. & Griffen, L. M. (1976). Effects of social density in university residential environments. *Journal of Personality and Social Psychology, 34*, 434-446.
- Baron, R. M. & Rodin, J. (1978). Personal control as a mediator of crowding. In A. Baum, J. E. Singer, & S. Valins (Eds.), *Advances in environmental psychology* (pp. 145-190). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Baum, A. & Paulus, P. B. (1987). Crowding. In D. Stokols & I. Altman (Eds.), *Handbook of environmental psychology* (vol. 1), (pp. 533-570). New York: Wiley.
- Baum, A. & Valins, S. (1977). *Architecture and social behavior: Psychological studies of social density*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Booth, A. & Cowell, J. (1976). Crowding and health. *Journal of Health and Social Behavior, 17*, 204-220.
- Calhoun, J. B. (1962). Population density and social pathology. *Scientific American, 206*, 139-148.
- Canter, D. & Canter, S. (1971). Close together in Tokio. *Design and Environment, 2*, 60-63.
- Chaudhuri, N. C. (1959). *A passage to England*. London: Macmillan.
- Cohen, S. (1978). Environmental load and the allocation of attention. In A. Baum, J. Singer & S. Valins (Eds.), *Advances in environmental psychology* (Vol. 1), (pp. 1-29). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Cox, V.C., Paulus, P.B. & McCain, G. (1984). Prison crowding research: The relevance for prison housing standards and a general approach regarding crowding phenomena. *American Psychologist, 39*, 1148-1160.
- Cox, V.C., Paulus, P.B., MacCain, G. & Karlovac, M. (1982). The relationship between crowding and health. In A. Baum & J. Singer (Eds.), *Advances in environmental psychology*. (Vol. 4), (pp. 271-294). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- D'Atri, D. A., Fitzgerald, E.F., Kasl S.V. & Ostfeld, A.M. (1981). Crowding in prison: The relationship between changes in housing mode and blood pressure. *Psychosomatic Medicine, 43*, 95-105.
- D'Atri, D. A. & Ostfeld, A. M. (1975). Crowding: Its effects on the elevation of blood pressure in a prison setting. *Preventive Medicine, 4*, 550-566.
- Dean, L. M., Pugh, W. M. & Gunderson, E. K. E. (1978). The behavioral effects of crowding: Definitions and methods. *Environment and Behavior, 10*, 419-431.
- Galle, O.R., Gove, W. R. & McPherson, J. M. (1972). Population density and pathology: What are the relations for man? *Science, 176*, 23-30.
- Giel, R. & Ormel, J. (1977). Crowding and subjective health in the Netherlands. *Social Psychiatry, 12*, 37-42.
- Gillis, A. R., Richard, M. A. & Hagan, J. (1986). Ethnic susceptibility to crowding: An empirical analysis. *Environment and Behavior, 18*, 683-706.
- Gove, W. R., Hughes, M. & Galle, O. R. (1979). Overcrowding in the home: An empirical investigation of its possible pathological consequences. *American Sociological Review, 44*, 59-80.
- Jain, U. (1987). *The psychological consequences of crowding*. New Delhi: Sage Publications.
- Levy, L. & Herzog, A. N. (1974). Effects of population density and crowding on health and social adaption in the Netherlands. *Journal of Health and Social Behavior, 15*, 228-240.
- Loo, C. M. (1978). Density, crowding and preschool children. In A. Baum & Y. M. Epstein (Eds.), *Human response to crowding* (pp. 371-388). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Loo, C. & Ong, P. (1984). Crowding perceptions, attitudes and consequences among the Chinese. *Environment and Behavior, 16*, 55-87.
- Manton, K. G. & Myers, G. C. (1977). The structure of urban mortality: A methodological study of Hanover, Germany, Part II. *International Journal of Epidemiology, 6*, 213-223.
- Matthews, R. W., Paulus, P. B. & Baron, R. A. (1979). Physical aggression after being crowded. *Journal of Nonverbal Behavior, 4*, 5-17.
- Michelson, W. (1976). *Man and his urban environment: A sociological approach*. Reading, MA: Addison-Wesley.
- Mitchel, R. E. (1971). Some social implications of high density housing. *American Sociological Review, 36*, 18-29.
- Nagar, D., Pandey, J. & Paulus, P. B. (in press). The effects of residential crowding experience on reactivity to laboratory crowding and noise. *Journal of Applied Social Psychology*.
- Paulus, P. B. (1980). Crowding. In P. B. Paulus (Ed), *Psychology of group influence* (pp. 245-289). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Paulus, P. B. (1988). *Prison crowding: A psychological perspective*. New York: Springer-Verlag.

- Paulus, P. B., Cox, V., McCain, G. & Chandler, J. (1975). Some effects of crowding in a prison environment. *Journal of Applied Social Psychology, 5*, 86-91.
- Paulus, P. B. & Matthews, R. W. (1980). When density affects task performance. *Personality and Social Psychology Bulletin, 6*, 119-124.
- Paulus, P. B. & McCain, G. (1983). Crowding in jails. *Basic and Applied Social Psychology, 4*, 89-107.
- Porteus, J. D. (1977). *Environment and behavior: planning in everyday urban life*. Reading MA: Addison-Wesley.
- Rodin, J. (1976). Density, perceived choice, and response to controllable outcomes. *Journal of Experimental Social Psychology, 12*, 564-578.
- Rohe, W. & Patterson, A. H. (1974). The effects of varied levels of resources and density on behavior in a day care center. Paper presented at the meetings of the Environmental Design Research Association, Milwaukee.
- Stokols, D. (1972). On the distinction between crowding and density: Some implications for future research. *Psychological Review, 79*, 275-278.
- Stokols, D. (1976). The experience of crowding in

primary and secondary environments. *Environment and Behavior, 8*, 49-86.

RESUMO

São apresentados os resultados de um programa de investigação alargada sobre a sobrelotação prisional nos Estados Unidos. De um modo geral a sobrelotação prisional parece estar associada a uma larga variedade de efeitos patológicos tais como taxas elevadas de suicídio e morte.

Estudos de diversos tipos de alojamento demonstram que é o número de pessoas por unidade de alojamento e não a quantidade de espaço que constitui o principal factor nas reacções ao alojamento.

Os vastos dormitórios abertos parecem estar associados a um aumento das taxas de doença. Uma diversidade de características dos reclusos parece influenciar a reactividade às condições de sobrelotação.

São discutidas as implicações teóricas e práticas desta investigação.